

# Política Demográfica: Aspectos Éticos

---

*A existência de um problema demográfico é quase unanimidade nos dias de hoje. Mas as divergências sobre o sentido dos dados estatísticos, e sobretudo sobre os caminhos para um equacionamento, são acentuadas. Há três grandes linhas de interpretação: uma, neomalthusiana; outra, que acredita na auto-regulação; e outra, de cunho católico, que conjuga auto-regulação e intervenção sábia do ser humano. Esta última corrente não só apresenta uma originalidade em sua gênese, como também na análise dos fatos e na proposta de soluções. Ao mesmo tempo que apregoa a necessidade de um planejamento familiar e de uma política demográfica, ela o faz com pressupostos antropológicos e teológicos surpreendentes, conjugando o respeito absoluto à vida em todas as suas formas e a intervenção sábia do ser humano. Para esta última corrente só há solução do problema demográfico se economia e política trilharem outros caminhos, fundados na distribuição mais justa dos recursos da terra e na solidariedade.*

*UNITERMOS \_ Políticas demográficas, planejamento familiar, Igreja Católica*

preocupação com o crescimento populacional não é de hoje. Está presente desde os primórdios da humanidade. Só que, enquanto num passado não muito distante ela se configurava no sentido de se obter uma aceleração, em períodos mais recentes ela aponta exatamente no sentido inverso. Quando Malthus, em 1789, publicou seu conhecido *Essay on the Principles of Population* já se podia detectar uma fundada inquietação, mas em setores relativamente pequenos da sociedade, e ainda assim menos dramática. A preocupação generalizada e mais aguda, contudo, só se faz presente nos últimos cinquenta anos. Hoje, a ruptura do equilíbrio natural, conhecido em outras épocas, carrega consigo muitas e graves inquietações para todos. Assim mesmo, porém, esta consciência quase unânime **sobre o fato** esconde acentuadas divergências. Estas já despontam no próprio diagnóstico; acentuam-se na hora da interpretação; atingem seu ápice no momento em que pedem um equacionamento.

Licenciado em Teologia pelas Faculdades Católicas de Lyon, França; Doutorado em Teologia, com especialização em Moral, pelo Instituto Alfonsinum, Roma.

## 1. Fato reconhecido por todos: existe um problema

O reconhecimento da existência de um grave problema demográfico vem fundamentado por números e índices inquestionáveis: a população cresce aceleradamente, trazendo em seu bojo inúmeros problemas relacionados com a alimentação, habitação, educação, saúde, ecologia, qualidade de vida, etc. A questão se torna mais angustiante nas grandes concentrações urbanas, mormente nas denominadas megalópoles, por sinal já bem numerosas: elas se encontram diante de impasses estruturais praticamente insolúveis, mesmo quando situadas em nações desenvolvidas. O problema se torna evidente em termos de regiões e camadas pobres: é nelas que a aceleração se torna inegável e os problemas são detectáveis a olho nu.

Entretanto, um olhar mais cuidadoso faz perceber que o problema não é regionalizado, mas sim que nos encontramos diante de um desafio planetário: vivemos cada vez mais num mundo sem fronteiras, caracterizado por grande mobilidade populacional e pela repercussão imediata sobre todos, mesmo no caso de desafios aparentemente regionais. A globalização é um fato em todos os sentidos, sobretudo no que se refere aos aspectos negativos: tudo hoje é gigantesco para todos.

Se é compreensível a sensibilidade de organismos internacionais, quase sempre originários e sediados no Primeiro Mundo, a assertiva de uma sensibilidade manifesta pelas religiões, mormente a Católica, pode parecer surpreendente. Com frequência, a Igreja Católica e a concepção ética por ela veiculada parecem andar na contramão: elas pareceriam ignorar o problema demográfico e se oporiam, sistematicamente, a qualquer tipo de planejamento familiar e, mais ainda, a qualquer política demográfica. É o que teria ficado, uma vez mais, claro na recente Conferência Mundial sobre "População e Desenvolvimento", realizada no Cairo. Ao menos à primeira vista, estaríamos diante de uma falta de consciência da gravidade dos problemas demográficos e de uma recusa sistemática na busca de soluções.

Contudo, pelo menos a partir da década de 60, sucessivos documentos oficiais oriundos das mais altas instâncias hierárquicas da Igreja Católica, como a *Mater et Magistra*, *Gaudium et Spes*, *Populorum Progressio*, não deixam

margem para dúvidas: por um lado, reconhecem claramente a existência de um problema; por outro, se negam a compartilhar tanto dos diagnósticos quanto dos caminhos de solução normalmente pleiteados. Assim se percebe que as verdadeiras questões éticas se localizam mais na interpretação de dados aparentemente objetivos e, conseqüentemente, nos caminhos tidos como naturais de equacionamento.

## 2. Dificuldade: em que consiste o problema?

Nesta altura ninguém ousaria negar a qualidade científica da demografia. Como qualquer outra ciência, ela merece credibilidade. Contudo, paradoxalmente, os dados científicos geram uma série de questões que vão levar a diagnósticos e a buscas de equacionamento bem diferente.

### 2.1. Os senões inerentes à demografia como ciência

A demografia é uma ciência **humana**, e não uma ciência exata. Se é verdade que nem mesmo as ciências denominadas de "exatas" conseguem escapar totalmente das coordenadas ideológicas, isto vale muito mais para as ciências humanas. Elas nunca são totalmente objetivas, seja por passarem, forçosamente, por um **sujeito**, individual ou social, seja pelo seu próprio **objeto**, que é o ser humano em suas diversificadas concretizações históricas e culturais. Reconhecidamente, até em países desenvolvidos, a coleta de dados tem sempre implícita uma certa precariedade: quem garante que os entrevistados estejam fornecendo respostas objetivas? A desconfiança de uma significativa parcela da população no que se refere a enquetes é bem conhecida já desde os recenseamentos do Império Romano.

Mas existem ao menos três outros ângulos a serem considerados e que relativizam a objetividade de dados demográficos: as inerentes projeções para o futuro, a diversidade de situações e a hermenêutica dos eventuais fatos. No que se refere a projeções, elas só podem contar com as constantes, enquanto a realidade humana se caracteriza por uma série de variáveis de ordem histórico-cultural que, de alguma forma, constituem algo de "imponderável". Para verificar esta assertiva basta pensar numa tendência, relativamente recente, de retardar o nascimento dos filhos. Enquanto num passado não muito distante ter logo filhos, e preferivelmente uma família numerosa, era motivo de orgulho, atualmente, em muitos setores isto é considerado como manifestação de irresponsabilidade. E, de qualquer forma, as estatísticas não podem apreender as "ondas" de cunho mais ou menos ideológico que emergem e desaparecem rapidamente, mas que influem decisivamente no comportamento humano: o que é moderno hoje torna-se facilmente antiquado amanhã. Acrescentem-se a isto conjunturas sócio-econômicas e políticas, que também mudam com frequência, e se perceberá que fazer projeções demográficas, ainda que seja algo necessário, comporta sempre um risco.

Ao se falar genericamente de problema demográfico, pode-se oferecer a impressão de que ele se concretiza mais ou menos da mesma forma, em toda parte. Se é verdade que ele desponta em toda parte, não é menos verdade que ele aponta para realidades diferentes, e por vezes até opostas. Com efeito, no contexto do Terceiro Mundo e das regiões mais pobres, ele aponta tanto para o excesso de população quanto para o acelerado índice de crescimento; já no contexto do Primeiro Mundo ele aponta para o envelhecimento da população resultante do significativo aumento da média de vida e os reduzidos índices de nascimento. Por aí já se percebe que a verdadeira questão se localiza no nível hermenêutico.

### 2.2. As diversas interpretações possíveis

Poderíamos dizer que existem ao menos três grandes correntes hermenêuticas que tentam interpretar os dados demográficos: as de cunho malthusiano e neomalthusiano; as que acentuam mecanismos auto-reguladores e as que conjugam auto-regulação e exigência de uma redefinição histórica no modo de se entender e de se estruturar as sociedades humanas.

Sabidamente, as hermenêuticas alarmistas, que só falam em termos de "explosão demográfica", não remontam ao próprio Malthus, mas aos neomalthusianos. Malthus foi um fervoroso pastor protestante, pai de prole numerosa e de concepção ética que hoje seria denominada como moralizante. Apesar de sua conhecida tese de progressão geométrica da população, contraposta à progressão aritmética da alimentação, nunca propugnou métodos que hoje se alinhariam entre os contraceptivos: suas teses apontam muito mais para o autocontrole das pessoas e do casal. Já os neomalthusianos, liderados por Margareth Sanger, desde o início se caracterizaram por diagnósticos alarmistas e por apregoar medidas restritivas drásticas, que pouco levam em consideração o prisma ético.

Os partidários da auto-regulação, entre os quais se destacou Josué de Castro, partem do desmentido histórico da tese de Malthus, bem como de uma concepção histórico-antropológica, para garantir diagnósticos menos dramáticos e equacionamentos menos drásticos. Para eles, com a demografia sucede algo parecido ao que ocorre em relação ao crescimento da pessoa humana: há momentos de aceleração, desaceleração e estabilização. Os fatores mais determinantes são os alimentares e os socioculturais. Esta intuição talvez pudesse ser hoje traduzida

como "desenvolvimento integral". Este seria o melhor contraceptivo e o melhor caminho para o equacionamento do problema demográfico. Particularmente no que se refere à reprodução das populações pobres, é necessário tomar como ponto de partida outro postulado: os pobres não são pobres porque se multiplicam tanto e tão rapidamente, mas se multiplicam tanto e tão rapidamente porque são pobres.

Desta forma, a terceira corrente hermenêutica, sintonizada com a concepção ética da Igreja Católica, mostra certa semelhança com a anterior, mas opõe-se totalmente ao neomalthusianismo. Entretanto, esta terceira hermenêutica apresenta traços bem originais e um pouco mais complexos. Ela se funda em pressupostos ao mesmo tempo antropológicos e teológicos, pouco conhecidos do grande público. Daí a conveniência de se proceder a uma análise mais cuidadosa.

### 3. Leitura e solução originais

Não por acaso existem leituras e posturas diferentes de uma mesma realidade. Elas se originam de pressupostos antropológicos e éticos diferentes. É na linha dos pressupostos que se configura a originalidade intrigante da ética de cunho católico.

#### 3.1. Três pressupostos que geram uma concepção diferente

Três são os pressupostos que sustentam o posicionamento ético da Igreja Católica no que tange à transmissão da vida e, conseqüentemente, à questão demográfica: o da origem divina de todas as coisas; o do ser humano constituído à imagem e semelhança de Deus; e o da administração de todas as coisas, a ser sabiamente efetuada pelo ser humano, em consonância com planos divinos.

De uma forma ou outra, todas as correntes éticas acenam, mais ou menos explicitamente, para Alguém, ou algo, que transcende a razão humana na sua imediatez. Isto se evidencia desde as primeiras elaborações éticas, oriundas do mundo grego. O próprio termo *ethos* já se reveste de um sabor transcendente: é uma reverência que, embora escondida, sustenta toda normatividade, ao mesmo tempo que ultrapassa toda norma concreta. A crença numa origem divina aponta para uma sabedoria que norteia todas as coisas. Nada surgiu por acaso, nem sem destino. Por isso mesmo não cabe à ética criar o que não existe, mas desvelar o criado e as normas a ela subjacentes. Isto vale sobretudo quando se aborda a transmissão da vida humana e a construção da sociedade. Trata-se de tarefa difícil, uma vez que ninguém pode falar de Deus e de seus planos senão por meio de mediações humanas. Mas se estes existem, então é somente por meio do seu penoso desvelamento que poderemos trilhar um caminho verdadeiramente humano.

Da crença de que tudo revela uma face de Deus decorre o respeito à vida em todas as suas expressões e em todos os momentos. Para a ética cristã a capacidade de transmitir a vida humana é algo que se coloca na linha de um dom extraordinário. Daí a conseqüente e inegociável atitude de reverência diante do milagre da vida, em todas as suas múltiplas formas, que se renova constantemente.

A convicção de que cabe ao ser humano administrar sabiamente tudo o que existe nos distancia de concepções deterministas e providencialistas na construção do mundo e da história. O que se pressupõe é uma criatividade quase divina, na qual o ser humano é o primeiro protagonista. Só que para administrar sabiamente todo o criado pressupõe-se que este ser humano assuma sua condição criatural, não se considerando senhor ou senhora, mas irmão e irmã; não dono, mas exatamente apenas administrador. Está claro que a administração sábia não exclui, mas pressupõe as ciências e a tecnologia, pois é por meio delas que se consegue penetrar mais profundamente nos segredos da Criação e administrá-la com sabedoria.

#### 3.2. "Sim" ao planejamento e "sim" à política demográfica

Entretanto, os grandes desafios nesta tarefa não se encontram fora, e sim dentro do ser humano. Pois nele se concentram todas as potencialidades, como também todas as contradições encontradas no mundo circunstante. Conhecer-se a si mesmo, descobrir os segredos da existência, desentranhar os caminhos da realização pessoal e social é uma tarefa primeira, pois a administração sábia do universo está a ela intimamente vinculada. E aqui emerge mais claramente o porquê das preocupações éticas da Igreja com referência à transmissão da vida humana e à demografia: é neste nível que ocorre o teste mais decisivo de atitude de busca humilde para desvendar e administrar sabiamente os mistérios da vida, ou atitude de prepotência, que leva à desumanização.

Infelizmente, quando se trata de planejamento familiar, além de não se ter presente este amplo quadro de pressupostos antropológicos e éticos, em geral se tem uma compreensão empobrecida do posicionamento teológico católico. Sem mais rodeios, é preciso deixar claro que o que caracteriza este posicionamento não é o "não", mas o "sim": "sim" ao amor profundo e humanizante; "sim" à vida a dois assumida com senso de responsabilidade; "sim" à política demográfica; "sim" ao planejamento familiar. Os últimos dois "sim" podem parecer surpreendentes, mas nem por isso são menos claros e menos categóricos.

Entretanto, a bem da verdade, é preciso deixar claro que não é qualquer tipo de controle da natalidade em nível pessoal que merece o nome de planejamento familiar. Este não se coloca simplesmente em nível dos métodos, mas de posturas de vida. O centro das preocupações neste particular aponta muito mais para uma concepção de vida, de sexualidade, de relacionamento humano, de produção e distribuição dos recursos humanos. E é a partir de uma inegociável atitude de reverência diante do mistério da vida, particularmente da vida humana e do estreito vínculo entre amor e transmissão da vida, que se compreende este posicionamento aparentemente contraditório: "sim" ao planejamento familiar e "não" à contracepção. O ser "contra" é decorrência lógica de um ser "a favor" de uma atitude básica, sem a qual se esvai a dignidade humana e a nitidez de sua grandiosa tarefa. Uma coisa é **planejar**, por meio de um mais profundo conhecimento dos mecanismos da vida; outra, é guiar-se por uma mentalidade contraceptiva, onde a transmissão da vida emerge como uma ameaça às pessoas e à sociedade.

Também não é qualquer tipo de controle populacional que merece o nome de política demográfica. Assim, não estamos diante de uma verdadeira política demográfica quando, por medidas arbitrariamente restritivas, se consagra o *status quo* de gritantes desigualdades em todos os níveis. Igualmente, não se trata de política demográfica quando as nações e as camadas mais privilegiadas impõem ideologicamente um controle sobre as multidões empobrecidas, controle que se constitui no carro-chefe da dominação nos níveis político, econômico e cultural. A verdadeira política demográfica consiste no que se denomina de promoção humana integral, com os conseqüentes desdobramentos nos níveis alimentar, habitacional e educacional, decorrentes de uma distribuição mais adequada de todos os recursos humanos. Assim, a política demográfica tem tudo a ver com a justiça, e muito a ver com o "holismo" apregoado para outros campos.

### 3.3. O equacionamento exige mudanças radicais

Neste contexto é necessário acentuar, com todas as letras, que nem a ética nem a Igreja Católica têm métodos de planejamento familiar. Estes são científicos. Como também não têm soluções mágicas para o problema demográfico. Mas, certamente, elas pressupõem mudanças de concepções de vida e outra rota para a construção de uma sociedade mais humana. A insistência sobre atitudes de vida é uma decorrência lógica do já anteriormente explicitado. Além disso, por mais estranho que este posicionamento possa parecer, o que mais surpreende é que grande parte da sociedade não perceba a contradição na qual ela mesma se envolve: adere, com entusiasmo, à nova consciência ecológica; adere, com o mesmo entusiasmo, à pró-biótica, à alimentação natural, à medicina alternativa, e ao mesmo tempo se nega a admitir sequer uma hipótese semelhante quando se trata da transmissão da vida. Afirmar que a natureza é detentora de recursos surpreendentes, que devem ser administrados, não contradiz em nada a seriedade científica. Pelo contrário, as ciências sempre avançaram na exata medida em que ousaram ultrapassar as evidências de uma época. Já bem diziam os gregos antigos que a identidade profunda dos seres se esconde por trás das aparências. E só atinge a sabedoria da vida quem é capaz de romper as barreiras das aparências e evidências, particularmente quando estas são trabalhadas ideologicamente.

Distanciada do providencialismo simplista, contudo, esta corrente vai acentuar a necessidade de uma intervenção humana, no sentido de uma reestruturação histórica da sociedade e de alguns de seus pressupostos correntes, seja em termos econômicos seja em termos políticos. Se é verdade que a terra é suficientemente generosa para suprir as necessidades básicas de todos, certamente ela é incapaz de corresponder à voracidade do consumismo das chamadas sociedades avançadas. Da mesma forma, é evidente que, na medida em que a maior parte dos recursos forem canalizados para a fabricação de armamentos, eles serão insuficientes para responder a um padrão de vida digno para todos. Assim, o desperdício, o luxo e o armamentismo são os fatores mais determinantes para inviabilizar qualquer solução humana do problema demográfico.

### Conclusão

É muito difícil chegar a uma conclusão quando a questão é demografia. Ninguém é tão ingênuo para não perceber que estamos diante de uma questão muito complexa, com inúmeros ângulos diferentes. Afinal, tanto o problema demográfico como o ecológico não são meramente setoriais. São expressões setoriais do problema global da humanização dos seres humanos e de todo o universo. Com certeza a ética, sozinha, não conseguirá viabilizar um equacionamento adequado. Mas, também, com certeza sem a ética não iremos muito longe. Pelo contrário, estaremos trilhando o caminho de uma ainda maior desumanização. Alguns pressupostos éticos básicos, assumidos por todos, independentemente de crenças religiosas, são o único ponto de partida que nos acena para um futuro melhor para todos.

### Abstract \_ *Demographic Policy: Ethical Aspects*

The existence of a demographic problem is an almost unanimous fact nowadays. But there are strong divergence on the meaning of statistical data, mainly on the best means to solve this question. There are three major lines of interpretation: one neomalthusian, another that relies on self-regulation, and a catholic one, which associates self-regulation with the wise intervention of the human being. This last current is original not only in its basic

conception, but also in the analysis of the facts and proposal of solutions. It emphasizes the need for a familiar planning and a demographic policy on the basis of remarkable anthropological and theological conjectures, by associating absolute respect to all forms of life with the wise intervention of the human being. Such current admits that there will only be a solution for the demographic problem if economy and policy are directed to other ways, based on a more fair distribution of the earth's resources and on solidarity.

#### Bibliografia

Dierckxsens W. Capitalismo y población: la reproducción de la fuerza de trabajo bajo el capital. Centroamérica: Educa, 1979.

Lepargneur H. Demografia, ética e igreja. São Paulo: Ática, 1983.

Marcilio ML. População e sociedade: evolução das sociedades pré-industriais. Petrópolis: Vozes, 1984.

Santa Sé. Respeito pela vida humana e pelo progresso dos povos da solidariedade. Petrópolis: Vozes, 1995: 441-54.

Endereço para correspondência:

*Rua Coronel Veiga, 550*

*25621-970 Petrópolis - RJ*